

PERFIL Dulce Freire (17-01-2022)



Dulce Freire tem centrado a investigação em temáticas rurais e agrícolas. Talvez a leitura de Marc Bloch tenha sido inspiradora, mas o paradoxo já era notório: ainda que a agricultura fosse central na História de Portugal, merecia escassa atenção da Historiografia. Sendo vital para a Humanidade, quais têm sido os impactos das mudanças na agricultura? Numa questão, este é o problema que tem procurado esclarecer.

Depois de concluir (1992) a licenciatura em História, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, estudou o processo de extinção dos dízimos, num projeto (1993-1996) coordenado por Luís Espinha da Silveira. Fez o mestrado em História dos Séculos XIX e XX na mesma faculdade (1998), analisando como o enquadramento institucional da vitivinicultura criado na década de 1930 determinou os destinos do subsector até à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Se durante estas pesquisas, as manifestações de descontentamento dos diferentes grupos sociais foram sendo referenciadas, entre 1997 e 1999, essas foram o foco de um projeto, coordenado por Jorge Crespo e Fernando Rosas. Cruzando História e Antropologia, o trabalho de campo extensivo e a pesquisa de arquivo nos distritos do Continente mostraram como os movimentos sociais atravessaram o país rural durante o Estado Novo.

No doutoramento, concluído na FCSH-UNL em 2008, averiguou-se como e quando a “revolução verde” se difundiu em Portugal. Recorrendo a arquivos, trabalho de campo intensivo e história oral, avaliaram-se em particular as mudanças económicas, sociais e institucionais ocorridas no Ribatejo até à década de 1980.

Entre 2008 e 2019, Dulce Freire foi investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. As discussões e as práticas associadas à modernização da agricultura na Península Ibérica continuaram a suscitar diversas iniciativas nacionais e internacionais. Estiveram também subjacentes aos vários caminhos explorados, passando

por alimentação, corporativismo, denominações de origem, cooperativas, agrónomos, movimentos sociais ou políticas públicas.

Alguns desses temas foram tratados no âmbito do projeto “Agricultura em Portugal: agricultura, alimentação e desenvolvimento (1870-2010)”, que coordenou (2012-2015). Entre os resultados obtidos sublinhem-se: o primeiro levantamento sistemático da produção agrícola regional portuguesa desde 1850 (disponível em www.ruralportugal.ics.ul.pt); a publicação de uma síntese da história agrária de Portugal abrangendo o último milénio. Trata-se do livro coletivo, que editou com Pedro Lains, “An agrarian history of Portugal 1000-2000: economic development on the European frontier” (Brill, 2017).

Se a preparação desse livro mostrou a pertinência de analisar as mudanças na longa duração, a participação nas discussões que levaram à formação e às atividades do Colégio F3: Food, Farming and Forestry (reunido todas as escolas da Universidade de Lisboa) indicou como os contributos das diferentes disciplinas são essenciais para construir um conhecimento robusto sobre o passado. Os desafios da longa duração e da transdisciplinaridade estão no âmago do projeto apresentado ao European Research Council em 2016: ReSEED_ Rescuing seed’s heritage: engaging in a new framework of agriculture and innovation since the 18th century. Partindo da Península Ibérica visa explicar os diversos impactos das sementes cultivadas que desde finais do século XV vieram do Oriente e das Américas, transformando as regiões europeias. De certa forma, a execução deste projeto tem permitido regressar às primeiras questões. Algumas suscitadas mesmo antes da licenciatura, quando participou em várias campanhas de escavações arqueológicas, integrando as equipas dirigidas por Ana Margarida Arruda ou Carlos Fabião e Amílcar Guerra. Outras, que marcaram os primeiros anos (1990-1993), enquanto fez parte dos grupos coordenados por António Manuel Hespanha.

Os resultados dos projetos realizados estão expressos na publicação de mais de uma centena de artigos/capítulos e de seis livros. Mas talvez a maior parte desses resultados esteja disseminada por conferências, reuniões, aulas, coordenações e orientações.

O desenvolvimento da investigação tem beneficiado de bolsas e apoios proporcionados por várias organizações. O primeiro veio da Fundação Calouste Gulbenkian, mas sem os financiamentos da Junta Nacional de Investigação Científica/Fundação para a Ciência e Tecnologia teria sido impossível continuar. Tem sido investigadora visitante em diversas universidades: University of California, Berkeley; École des hautes études en science sociales; Universidade de Santiago de Compostela; School of Oriental and African Studies, University of London.

Nos últimos anos tem feito parte dos órgãos de gestão de várias organizações científicas: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, Rede de História Rural em Português, Associação Portuguesa de História Económica e Social, European Rural History Organisation.

Dulce Freire é atualmente Professora Auxiliar na Faculdade de Economia e investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares, ambos da Universidade de Coimbra. Neste centro, é uma das coordenadoras do Grupo de Investigação “Changing Landscapes_Long term analysis LAB”, onde dirige a equipa do projeto ReSEED.

